



# Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas  
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos  
(Organizadoras)

EDITORA  
**UnB 60**



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

# Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas  
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos  
(Organizadoras)

EDITORA  
**UnB 60** 

**Equipe editorial**

**Coordenação de produção editorial** : Marília Carolina de Moraes Florindo

**Revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
: Emily Dias de Matos

**Projeto gráfico** : Cláudia Dias

**Foto de capa** : Inês Ulhôa / Editora UnB

**Ilustrações** : Petchó Silveira

**Fotos de ilustrações** : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta  
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por  
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111      Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras  
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione  
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos  
(organizadoras). – Brasília : Editora  
Universidade de Brasília, 2022.  
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).  
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e  
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação  
afirmativa na educação. 4. Universidade de  
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira  
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Sumário

---

## **Apresentação**

**“Quando as mulheres negras se movem...” 9**

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos

Parte 1

## **Nossos passos vêm de longe**

**Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17**

Dione Oliveira Moura

**Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23**

Deborah Silva Santos

**Vinte anos do EnegreSer:**

**aprender e fazer História com o movimento negro 29**

Aida Feitosa

Parte 2

## **Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB**

**O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37**

Aline Pereira da Costa

**Alegria da experiência como cotista negra 43**

Andressa Marques da Silva

**E agora sou eu que vivo esta história!** 47

Anna Caroline Costa Silva

**Uma revoada em curso** 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

**Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor** 53

Dalila Noletto Torres

**“Isso é por eu ser uma mulher preta?”** 59

Deborah Carolina Silva Duarte

**É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço** 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

**Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais** 69

Flora Egécia

**Nossas vidas importam** 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

**O sistema de cotas para negros é, sim, um direito** 79

Iara de Jesus dos Santos

**A primeira da família a ingressar no ensino superior** 85

Juciele Fonseca

**Explorar tudo o que a UnB pode oferecer** 87

Julian Esttefane da Silva Reis

**O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras** 91

Kátia Silene Souza de Brito

**Transcender como negra a cada dia** 97

Keila Meireles dos Santos

**A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória** 101

Letícia Bispo

**Ocupar um espaço que pertence ao povo negro** 107

Maria Antônia Perdigão

**Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres** 115

Mariana Paiva Soares

**O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial** 119

Michele Duarte da Silva

**Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB** 127

Vitória Carolina Silva Duarte

**O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região** 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

## **Celebrar as vitórias e avançar**

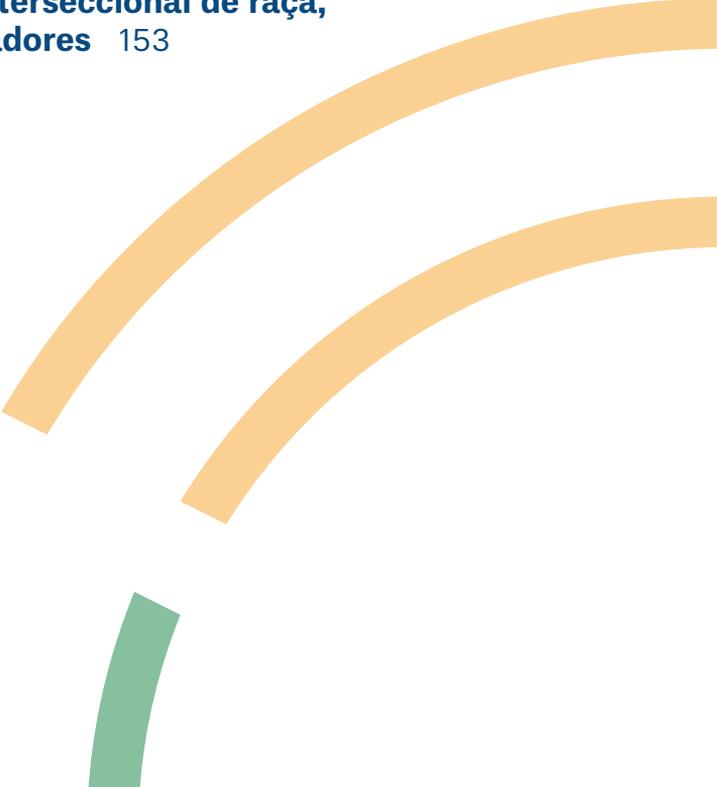
**À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB** 143

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos

**Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores** 153

Renísia Cristina Garcia Filice

**Sobre as autoras** 161







Parte 2

# **Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB**



# “Isso é por eu ser uma mulher preta?”

Deborah Carolina Silva Duarte

## Com 40 reais no bolso e uma nova cidade

Eu sou a terceira filha de um casal birracial, sendo meu pai – Paulo Roberto – um homem branco e de família de classe média, nascido no Rio de Janeiro, e minha mãe – Lucimara Aparecida – uma mulher preta e de família pobre, nascida em São Paulo. Aos 20 anos meu pai se mudou para São Paulo, onde arrumou um emprego como segurança de shopping, e conheceu minha mãe, que morava na mesma rua que ele. Minha mãe, por sua vez, já trabalhava desde seus 11 anos de idade como *office girl*, chegando a se tornar a primeira analista preta da empresa. Ela não pôde fazer ensino médio regularmente, por conta do trabalho, e então fez um supletivo e um curso técnico em Contabilidade. Posteriormente, se formou em Direito pela Faculdade de Direito São Bernardo do Campo, sendo a primeira da família a se graduar no ensino superior.

Em 1994, os dois vieram para Brasília com apenas 40 reais no bolso. Chegando aqui, os dois conseguiram vagas de emprego no Hospital Universitário de Brasília (HUB), ela como técnica administrativa e ele como auxiliar de limpeza. Sempre que podiam, os dois almoçavam em um restaurante da UnB – local no qual Lucimara, minha mãe, às vezes almoçava comigo e minhas duas irmãs mais velhas, após todas nós entrarmos na UnB por meio das políticas de cotas raciais. Vitória entrou em Engenharia Química e Natália em Comunicação Organizacional.

Anos mais tarde, meu pai entrou na Polícia Militar e minha mãe se tornou oficial de justiça pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT). Algum tempo depois, os dois se separaram e, posteriormente, meu pai se formou em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Ele veio a falecer em serviço, quando eu tinha 10 anos de idade.

## Escola, segunda casa

Devido à ascensão econômica da minha mãe por meio da educação, ela sempre priorizou isso em nossas vidas. Por conta da priorização da educação, nunca foi necessário me

preocupar com tarefas domésticas ou contas da casa. Morávamos, na minha casa, minhas duas irmãs, minha bisavó, minha avó, minha mãe, o afilhado de minha mãe e eu.

Estudei na mesma escola do jardim de infância até o ensino médio; portanto, minha escola foi para mim como uma segunda casa, onde conhecia todos os funcionários: professores, funcionárias da limpeza, secretárias, diretores, porteiros, funcionários da cantina. Por mais que a escola fosse majoritariamente branca, seu dono era preto, e sempre existiram pessoas pretas na sala de aula além de mim.

As lembranças que tenho sobre racismo envolvem ser sexualizada desde cedo, apesar de nunca ter sequer beijado alguém na escola, enquanto minhas amigas brancas não sofriam isso. Dentre essas recordações também estão os comentários de uma coordenadora pedagógica que sempre ia à minha sala e gostava de falar na frente de todos que gostaria de ter meu tom de pele, pois ficava queimada com o sol, e que tinha inveja de mim, mesmo eu tendo apenas 11 anos.

### **Experiências de desconforto escolar e o preparo para a UnB**

No primeiro ano do ensino médio eu estudava à tarde, em uma turma de 13 alunos. Tudo era muito bom e tranquilo, porém, no segundo ano, tive que me mudar para o turno da manhã e fiquei em uma turma na qual não me adaptei, pois as pessoas eram mais ricas, arrogantes e mesquinhas. Isso tornou a escola pela primeira vez um ambiente desconfortável e eu cheguei a emagrecer muito em virtude disso. No terceiro ano mudei de turma e consegui me adaptar melhor, fazendo amigos que me acompanham até hoje; e fiz parte da comissão de formatura.

Minha jornada para o vestibular foi extremamente tranquila, pois minha escola tinha um programa com algumas aulas integrais focadas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Assim, não tive que me esforçar muito mais que isso para ser aprovada. Porém, sofria grande pressão de todas as partes, de amigos, família, escola e namorado, pois minhas irmãs e uma prima por parte de mãe já estavam na UnB, e também um primo por parte de mãe havia ingressado na Universidade de São Paulo (USP) recentemente. Vale ressaltar que o lado materno é o lado preto da minha família.

Tenho noção de que minha jornada escolar é diferente da trajetória da maioria das pessoas pretas e acredito que ela me influenciou a não ter síndrome de impostora quando entrei na faculdade, pois esse sempre pareceu o caminho natural a seguir, já que fui estimulada desde cedo a ingressar na UnB.

### **Finalmente, eu, Deborah Carolina, na UnB**

Na UnB, pela primeira vez estava em um lugar completamente desconhecido e, por ser uma pessoa muito tímida, não consegui fazer muitos amigos no primeiro ano. No entanto, ao entrar na Empresa Júnior (EJ) Genesys Biotecnologia, consegui socializar melhor, chegando a assumir o cargo de diretora e vice-presidente. Algumas vezes senti que as pessoas me tratavam como se eu fosse agressiva e ríspida quando estava expondo minhas ideias

e opiniões e eu sempre me perguntei: “isso é por eu ser uma mulher preta?”. Mas, apesar disso, as pessoas me respeitavam bastante e me tratavam como especialista em determinados assuntos, já que fui responsável por implementar mudanças estruturais na EJ.

Não cheguei a participar do Programa de Iniciação Científica (ProIC), pois sempre estive focada em participar da Empresa Júnior Genesys Biotecnologia, mas pude participar de um projeto de extensão, o Mais Cultura, voltado à divulgação científica para alunos de ensino fundamental, promovido pelo Departamento de Zoologia e de Botânica da UnB, que infelizmente teve sua execução impactada pela pandemia de covid-19. Outro evento impactado pela pandemia foi a Semana de Integração de Biotecnologia, de cuja comissão organizadora fiz parte. Integrei ainda o Laboratório de Fisiologia Vegetal, trabalhando com cultura de tecidos vegetais, ou seja, plantando no meio de cultura em um ambiente estéril, em vez de plantar em vasos de plantas. Também participei de uma pesquisa importante sobre produção de álcool em gel no contexto da pandemia Covid-19 (Carmo *et al.*, 2020). Quase me graduando em Biotecnologia, consegui fazer meu estágio final no Instituto de Criminalística da Polícia Civil do Distrito Federal, ocupando uma vaga muito concorrida. Assim, construí minha história profissional e espero ser inspiração.

## Referências

CARMO, Talita Souza *et al.* Produção de álcool gel para famílias do entorno do DF. *Participação*, Brasília, ano 19, ed. esp., n. 34, p. 28-29, nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/issue/view/2155>. Acesso em: 19 jul. 2022.



# Sobre as autoras

---

## Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

## Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

### **Aida Feitosa**

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

### **Aline Pereira da Costa**

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

### **Andressa Marques da Silva**

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

### **Anna Caroline Costa Silva**

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

### **Camila Cecilina do Nascimento Martins**

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

### **Dalila Noleto Torres**

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

### **Deborah Carolina Silva Duarte**

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

### **Elen Cristina Ramos dos Santos**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

## Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

## Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

## Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

## Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

## Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

### **Kátia Silene Souza de Brito**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

### **Keila Meireles dos Santos**

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

### **Letícia Bispo**

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

### **Maria Antônia Perdigão**

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

### **Maria Lúcia Martins Gudinho**

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

### **Mariana Paiva Soares**

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

### **Michele Duarte da Silva**

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

### **Renísia Cristina Garcia Filice**

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

### **Vitória Carolina Silva Duarte**

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# Vá no seu tempo e vá até o final:

## mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espraia Brasil afora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice